
Testemunhos no reflexo de Jaguaripe/BA: rio da onça como modo mnemônico de existência¹

Cícero Bernar da Silva MURICY²
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA

RESUMO

Este artigo apresenta uma outra forma de exploração e reconhecimento de lembranças e conhecimentos a partir da perspectiva do Rio Jaguaripe (também chamado de Rio da Onça), no município baiano de mesmo nome, como personagem “testemunho” da suposta justiça para com grupos historicamente marginalizados e de memórias das manifestações culturais da cidade por meio dos modos diferentes de existência de Souriau, referenciados por Lapoujade (2017). O Rio da Onça adquire ações, características e preservação de histórias de acordo com o seu próprio movimento virtual, a partir dos “advogados” que elevam a sua existência e o deixam refletir os acontecimentos mínimos - os esquecidos e os cotidianos -, reverberando na formação do local.

PALAVRAS-CHAVE: memória; modos de existência; Jaguaripe; manifestações.

INTRODUÇÃO

Na medida em que pensamos e articulamos conhecimentos que estão além da estrutura convencional - não no sentido de classificação, de serem melhores ou piores, mas sim no processo em se constituir enquanto outras formas de contar histórias, depoimentos e análises - também percebemos um desafio para destrinchá-los: como mover outras maneiras de escrita, do adentrar de forma mais explicativa e comunicativa em elementos que, em um primeiro olhar, não seriam possíveis de serem lidos como objetos mnemônicos (ou seja, carregados de memória) importantes e nem teriam a capacidade de se formarem enquanto “seres” próprios em seu mundo cheio de significados, mas que também relacionam-se com o universo tradicional?

Mignolo (2008) traz luz a esses aspectos através dos pensamentos de Quijano (1992), da opção decolonial e do que ele chama de “desobediência epistêmica”,

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: cicerobernar@outlook.com.

construída a partir do movimento de desprendimento das ligações feitas por meio da racionalidade/modernidade fincada em perspectivas europeias e da colonialidade do poder, instituindo novas histórias e subjetividades de “pessoas, línguas, religiões, conceitos políticos e econômicos [...] que foram racializadas (ou seja, sua óbvia humanidade foi negada).” (MIGNOLO, 2008, p. 290)

Por esses motivos, o autor argumenta sobre outros caminhos que possam ser trilhados de forma decolonial, visando o dismantelamento de uma história única mundial cristalizada por meio do sentido colonial e alçando ao “descobrimento” e instituição de novas visões de outras histórias diversificadas de povos, comunidades e suas singularidades que foram historicamente silenciadas - aqui não descartando a inserção desses indivíduos e seus aspectos socioculturais do sistema imposto, mas sim reescrevendo as diferentes “exterioridades pluriversais que circundam a modernidade imperial ocidental” onde os pensamentos decoloniais podem se reposicionar e se colocar com força em suas atitudes. (MIGNOLO, 2008, p. 291)

Desse modo, pensando nas mais diversas maneiras que podem se transformar e explorar os potenciais de aspectos de comunidades marginalizadas, contando histórias e conhecimentos de outros âmbitos e perspectivas igualmente importantes para a construção de questões que passam pelo território, pela política e pela diversidade cultural, esse texto se coloca no objetivo do “fazer ver” das aparições de configurações e pontos de vista do Rio da Onça (ou Jaguaripe), que circunda a cidade de Jaguaripe/BA, juntamente com o Rio da Dona, transformando o local em uma espécie de Mesopotâmia Baiana.

Tomando como inspiração o terceiro capítulo do livro de Muniz Sodré, “Pensar Nagô” (2017), intitulado “Exu inventa o seu tempo” onde o autor entra no mundo da entidade e descreve os seus próprios termos, temporalidades, símbolos e significações através das suas mitologias e também do que ele mesmo percebe ao colocá-lo em foco, aqui utilizamos as formulações dos livros “As existências mínimas” (2017), de David Lapoujade, e “Diferentes modos de existência”, de Étienne Souriau (2020), para enxergar a vida própria do elemento natural e “personagem” Rio da Onça em Jaguaripe.

A partir das diferentes existências mínimas resgatadas por Lapoujade (2017) em referência a Souriau (2020) é possível destrinchar e perceber a visibilidade dos modos de existência que são apresentados na perspectiva do Rio da Onça enquanto testemunho

mnemônico em relação ao cotidiano de Jaguaripe, suas condições socioterritoriais e a participação da população nas manifestações culturais do município.

Os modos de existência formulados por Souriau (2020) e recuperados por Lapoujade (2017) assumem principalmente características corporais, ficcionais e virtuais. O modo de existência corporal se refere às existências que são submetidas à obrigação de existir aqui e agora e que persistem através de manifestações diversas, formando um sistema sensível, metaestável e sistemático.

O modo de existência ficcional da existência engloba aqueles seres dentro da imaginação, inventados e pertencentes ao mundo ficcional, sendo estimulados por outras branduras como os anseios mais profundos, que partem das referências das pessoas, ou o próprio medo. Já o modo de existência virtual se refere aos seres que não têm uma presença efetiva por sua ausência ou por estarem inacabados, não inscritos como um todo. As existências virtuais têm características que variam através dos espectros, ou seja, se colocam enquanto evidências de algo que é “invocado”, mas já está em todo lugar se relacionando com os indivíduos.

A partir desse ponto de vista, como enxergar o fenômeno mnemônico refletido no rio da Onça como uma manifestação por uma perspectiva própria? Para trazer à luz e explicitar os discursos se faz necessário usar da percepção desses fenômenos onde perceber, para Souriau (2020) segundo Lapoujade, não é continuar a ver pelo exterior/por fora o que está dado naquela superfície dita como real, mas sim “é entrar num ponto de vista, assim como simpatizamos. Percepção é participação. Um fenômeno surge [...] e lá estamos nós presos no interior de monumento perceptivo [...]” (LAPOUJADE, 2017, p.47).

Assim, começamos a estrutura desse texto primeiramente utilizando de dados históricos da formação territorial, política e sociocultural de Jaguaripe relacionando-se ao rio e logo depois focalizamos no universo das manifestações populares do município através do espelho de lembranças implícito nas águas que o alimentam.

“A JUSTIÇA DE JAGUARIFE QUE TE PERSIGA”³: DOR HISTÓRICA REFLETIDA

A sede municipal de Jaguaripe é difícil de reconhecer por meio de indicadores nas estradas. Numa distância de quase 15 (quinze) quilômetros da cidade de Nazaré (BA) e 87 (oitenta e sete) quilômetros do terminal marítimo de Bom Despacho, o caminho principal para chegar ao local constantemente passa por reformas devido às suas condições precárias, principalmente em tempos chuvosos onde os buracos se alastram e a terra barrosa torna difícil a locomoção com maior segurança para os veículos.

A entrada calma com apenas uma placa indicando o nome da cidade, onde poucos carros e pessoas passeiam e adentram a região, aliada ao cenário de heranças estéticas de um tempo “antigo” lembrado através de construções como a Igreja Matriz de Nossa Senhora D’Ajuda, estabelecida pelos jesuítas no século XVI, já determina quase que basicamente o que se ouve pelas ruas ao pararmos em uma conversa - “parece que está parada no tempo”.



Figura 1: entrada de Jaguaripe, com igreja ao fundo, e Casa de Câmara e Cadeia, atualmente Paço Municipal. Material adicional de Na Pele do Jaguar (Dir.: Cícero Bernar, 2019).

É estranho pensar que essa mesma área anacrônica se constituiu enquanto a primeira vila do Recôncavo em 1697, grande produtora de farinha de mandioca, materiais de construção e utensílios de cerâmica no século XVII, mas ao mesmo tempo torna-se extremamente lógica a situação considerando que a instituição dela, assim como várias outras - Cachoeira e São Francisco do Conde em 1698, Maragojipe em

³ Ditado histórico de Jaguaripe onde se deseja a morte de alguém, fazendo alusão ao medo que as pessoas da região tinham pela punição na Cadeia do Sal. Alguns moradores contam uma história de que se colocássemos um pouco de açúcar em um lugar e pronunciássemos a frase em forma de bênção, nenhuma formiga se atreveria a tocá-lo.

1724 e Santo Amaro em 1727, por exemplo - se originou por parte das estratégias políticas da Coroa Portuguesa em dominar as redes urbanas que davam acesso ao sertão.

Azevedo (2011) relata que o controle através da transformação dos portos em vilas se relacionava diretamente ao momento do descobrimento de ouro em Minas Gerais e no sertão da Bahia, conseguindo assim impedir o contrabando, “a evasão de impostos e os conflitos sociais nessas áreas, através de portais administrativos e fiscais de ingresso ao interior”, assim como também o próprio processo de urbanização para cidades-porto colocou-se a partir de critérios administrativos e de defesa contra indígenas. (AZEVEDO, 2011, p. 219)

Controle esse que aparenta não ter desaparecido por completo, mas sim sofrido um processo de ressignificação através de outras formas de poder e manutenção do *status quo* percebido na cidade. O fenômeno quase que como um “feitiço do tempo” é transmitido pela arquitetura do município e os seus resquícios dos séculos XVII e XVIII, pelos portos e os rios que já não recebem grandes embarcações, mas sim pequenos barcos aliados à subsistência dos próprios moradores e as poucas oportunidades de emprego já que se pode ouvir de diversas pessoas quase que como uma regra: “quem não trabalha na prefeitura, vive da pesca”.

A pescaria, inclusive, se reflete como uma herança do próprio processo de escravidão na região após a fuga de pretos escravizados da localidade. Sendo o rio Jaguaripe (da Onça) e o da Dona extensos, chegando até perto do estreito do Funil, possibilitaram a criação de esconderijos feitos de forma manual pelos escravizados fugidos, fazendo utensílios de barro e argila e criando uma alimentação derivada do cenário marítimo e do manguezal, da água salgada, dos mariscos, ostras e peixes como o robalo, caranha, os xaréus, tainhas e sardinhas.

Por ali, escravos criminosos e fujões se embrenhavam e passavam a viver como caranguejos e siris, adaptando-se às condições adversas impostas pela natureza regional. Abriam picadas, veredas, trilhas estreitas e compridas e, no meio dos mangues, faziam um pequeno clarão para a construção provisória de alpendres e casas de pau-a-pique, cobertas de palhas de palmeiras derrubadas nas matas, e de piaçavas ou sapé, colhidos nas baixadas. Às vezes, construíam palafitas sobre os manguezais, evitando que a subida da maré os pegasse desprevenidos e destruísse seus barracos. A imensa facilidade de encontrar argila, nos arredores de Maragogipinho e na ribeirinha do rio doce, um dos afluentes do Jaguaripe, também contribuía para o reboco das casas de taipa e para a confecção de vasilhas como as panelas e pratos de barro, utensílios muito usados na vida doméstica

regional. Durante séculos, fora relativamente comum visualizar diariamente canoas e batelões, subindo e descendo aquele rio, carregados de argilas, galhos dos mangues e piaçava. (CASTELLUCCI JUNIOR, 2008, p. 14)

As janelas da Casa de Câmara e Cadeia no centro da cidade, perto da Praça Municipal, servem quase como uma moldura direta à paisagem do rio da Onça e sua imensidão. As molduras de madeira pintadas de verde combinam com o tom esverdeado das águas, entretanto por vezes se contorne uma coloração barrenta quase que enquadrando um passado amargo que pode ser vislumbrado tanto pela perspectiva das águas salgadas do rio quanto pelo próprio histórico da arquitetura. Isso pode ser revelado pelo ato da cor marrom se infiltrar e “apagar” o verde claro, desvelando um plano de existência singular que envolve o ponto de vista da história refletida onde só é possível ser revelado a partir do momento em que se encontra o ponto de vista dessa virtualidade.

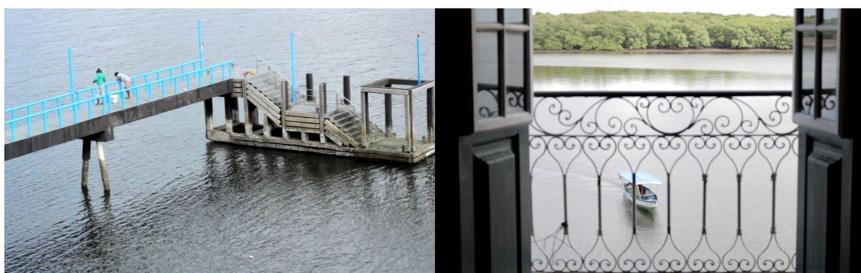


Figura 2: visão por fora e por dentro das janelas da Casa de Câmara e Cadeia de Jaguaripe. Material adicional de Na Pele do Jaguar (Dir.: Cícero Bernar, 2019).

É preciso encontrar o ponto de vista da coisa, porque cada modo de existência possui seu ponto de vista e para encontrá-lo necessitamos estar livres das amarras da completude, já que a virtualidade está sempre inacabada. Trata-se de fazer ver, de tornar perceptível novas classes de entidades, mesmo as virtuais, criando “uma alma no psiquismo, isto é, ‘o princípio de um crescimento’, a necessidade, a pretensão a uma existência mais real”. Segundo Lapoujade (2017), assim se constitui uma alma: quando conseguimos ver “alguma coisa inacabada ou incompleta que exige um “princípio de crescimento”, enfim, o esboço de algo maior, de algo mais bem-sucedido, suscetível de aumentar a realidade dessa existência”. (LAPOUJADE, 2017, p. 66-67)

Atribuir uma alma pode ser a operação mais pueril, mais sentimental, e também a mais delicada, mas que se torna uma operação propriamente instauradora quando se trata de levar para uma existência maior o chamado de uma arquitetura à qual nos dedicamos. Atribuir uma alma é aumentar uma existência; é a generosidade da

leitura, da visão, da emoção de ver mais ou com mais intensidade, de ver, em certas realidades, a presença de uma alma. (LAPOUJADE, 2017, p. 69)

A Casa de Câmara e Cadeia de Jaguaripe foi um dos edifícios que serviram como base para outras construções no Recôncavo, juntamente com a instalada em Salvador. A cadeia nesse tipo de prédio se localizava na parte de baixo, perto dos arcos, enquanto no pavimento superior funcionava toda a parte legislativa, executiva e judiciária dos municípios. Segundo Azevedo (2011), o modelo de Jaguaripe trata-se de:

[...] um casarão recoberto por telhado de quatro águas, que volumetricamente pouco difere de uma casa nobre civil. Mas possui duas particularidades. As enxovias ficavam em um subsolo aberto para o mar, que eram inundadas nas maiores marés e ao seu lado ficava um portal, onde se realizava o mercado com produtos trazidos de barco. Este modelo foi adotado em São Francisco do Conde, elevada a vila em 1697, em Nazaré (1878) e em algumas casas de câmara e cadeias do interior, como as de Porto Seguro, Rio de Contas, Caitité e Condeubas. (AZEVEDO, 2011, p. 248)

A parte de baixo era certamente a mais temida das regiões, gerando o ditado histórico “a justiça de Jaguaripe que te persiga”. Conhecida popularmente como a “Cadeia do Sal”, a prisão apresentava uma punição aos prisioneiros: consistia em colocá-los em um buraco estreito que tem acesso direto às águas do rio. Quando a maré enchia, a água subia preenchendo e inundando as horríveis celas causando diversas feridas por meio do contato contínuo com o sal do rio, do ataque dos crustáceos e, logo depois, culminando em seu ato final com o afogamento dos presos.



Figura 3: sombras das celas nas paredes da Cadeia do Sal e o buraco da punição. Fotos: Cícero Bernar.

As águas salobras do rio da Onça são amargas não somente pelo sal, mas também pela dissolução desses corpos e de suas histórias em cada gotícula que se apresenta. A mesma água é utilizada como lazer pelos jaguaripenses e para a sua subsistência ao obter peixes e outros pescados, tanto para comer quanto para vender. É

um ciclo mortífero que subjugou/subjuga indígenas, pessoas negras e marginalizadas ao longo da história do município.

Ao entrar nos túneis para preencher as celas, o rio é tomado pelos gritos horrorizados de dor e medo dos prisioneiros e a partir do momento em que entra em contato com os seus corpos absorve as suas histórias de luta, pobreza, opressão e fome, sendo o único testemunho de suas existências apagadas no tempo, podendo ser vistos através do movimento do advogado (o pesquisador) que consiste em empurrar para fora do plano qualquer forma de identidade ou interioridade preexistente que bloqueie a percepção (ou seja, qualquer questão dentro da “realidade” que diga que não é possível). “Nem essência, nem forma de interioridade, partimos do grau zero da experiência para *fazer ver* como se constituem as experiências vividas”. (LAPOUJADE, 2017, p. 50)

Local de revoltas históricas e importantes para o Recôncavo e a Bahia em si como a Santidade de Jaguaripe (por volta de 1580), um movimento sincrético de libertação e rebeldia protagonizado por indígenas que rejeitavam a autoridade portuguesa e as crenças relacionadas ao cristianismo, e também as diversas fugas e resistências dos africanos escravizados, o passado se constitui enquanto presente na contextualização do cenário jaguaripense no próprio “esquecimento” dos indivíduos acerca dos atos.

O esquecimento como recurso natural do organismo humano existe dentro dos processos da memória coletiva dos grupos e comunidades. Por meio dos quadros sociais determinados por Halbwachs através de Barbosa (2008) - a linguagem, a temporalidade comum e o espaço imagético -, cada e qualquer grupo os evoca para lembrar de algum aspecto que se alia àquela localidade. Portanto, rememorar diz respeito à reconstrução do passado a partir desses quadros, localizando e formando “mecanismos fundamentais para dar sentido ao passado”. (BARBOSA, 2008, p. 49)

Para relembrar de determinados fatos, histórias, atitudes e imagens, existem as memórias dominantes e as dominadas dentro do mesmo grupo - uma enorme visibilidade de lembranças que seriam mais “fortes” para modificar os pensamentos e atos da atualidade e, conseqüentemente, o movimento das comunidades e as dissipadas da existência, silenciadas e sufocadas no limbo mnemônico, não permitindo a organização de sentidos: portanto, não obtendo a importância na modificação da imagem refletida pelos grupos a si mesmos e para os outros.

[...] a lembrança se reconstrói sempre a partir do presente e é o grupo ao qual pertence o indivíduo que fornece a ele meios de reconstruir o passado (os calendários, as palavras que exprimem a lembrança, as convenções, os espaços, as durações que dão ao passado sua significação). A seletividade da memória nada mais é do que a capacidade de ordenar e dar sentido ao passado, em função das representações, visões de mundo, símbolos ou noções que *permitem aos grupos sociais pensar o presente*. (BARBOSA, 2008, p. 48, grifo nosso)

O grifo da sentença “[...] permitem aos grupos sociais pensar o presente” não é à toa. Vai de acordo com o próprio esquecimento, mas aqui em um contexto quase que forçado em relação às políticas socioculturais e educacionais da cidade de Jaguaripe, tanto de quem eram os indivíduos acometidos pela perseguição da “Justiça de Jaguaripe” e da culminância de sua vida sendo dissolvida pelas águas do rio da Onça na Cadeia do Sal e quanto de quem continua a ser invisibilizado no município. A Cadeia do Sal não é bem contextualizada para os moradores, assim como o movimento da Santidade, e nem mesmo tem uma facilidade de visitação no sentido de construir consciência sobre o verdadeiro cemitério de pessoas pretas e indígenas onde hoje funciona a prefeitura da cidade na parte de cima.

Dois jovens irmãos, R. e R.⁴, moradores de uma rua periférica do município conhecida por utilizar da pesca e do marisco para o seu sustento, saíram em um determinado dia no ano de 2012 pela manhã para pescar como de costume. Dizem que no meio da pescaria os dois se afogaram: um mergulhou no rio e não conseguiu voltar e o outro foi tentar ajudar a salvá-lo, mas obteve o mesmo destino. Todo o acontecimento passa pela cidade dentro de dúvidas que nunca foram explicadas - na verdade, foi tratado desde o início como afogamento, partindo para o enterro dos meninos. Sem o questionamento, impulsionado pelo receio de coisas maiores envolvidas, os jaguaripenses se calam e as memórias se dissipam no meio do cotidiano - salvo algumas pessoas que continuam a desconfiar.

Assim como aconteceu com os dois jovens, outro homem negro no ano de 2018 foi exercer o seu trabalho como pescador e não voltou para casa. Foi encontrado também no rio, com uma diferença: um corte grande entre o pescoço, como o de uma faca. Resultado: tratado como afogamento e esquecido novamente. Pois então, se colocarmos o histórico da Cadeia do Sal, juntamente com a situação do próprio país

⁴ Nomes das vítimas serão preservados neste artigo.

onde pessoas negras são negligenciadas e o silenciamento de vidas através dos afogamentos estranhos no rio, nos questionamos: justiça a quem?

O esquecimento da Justiça de Jaguaripe não permite a reflexão de diversas situações ocorridas na cidade e instituídas de forma normalizada, como por exemplo a maior parte da população ser negra e estar relegada a empregos que sejam conectados com a Prefeitura ou a atividade pesqueira. Essas são mais outras das memórias que o rio abriga em suas entranhas, vindas de indivíduos marginalizados apagados da existência histórica e sociocultural.

MNEMÔNICO RIO DA ONÇA: EXISTÊNCIA A PARTIR DO REFLEXO DAS LEMBRANÇAS

O histórico advindo da escravidão, as memórias, os traumas, as injustiças e as mortes que se relacionam a cidade acabam se configurando de forma diferente nas festividades culturais que a população participa. Partindo de Bakhtin (1987), pode-se dizer que qualquer manifestação que tenha origem por meio do cunho popular se liga aos momentos de crise e conflitos do homem na sociedade, onde “a morte e a ressurreição, a alternância e a renovação constituíram sempre os aspectos marcantes da festa”. (BAKHTIN, 1987, p. 8)

Em quase todas as manifestações culturais da cidade de Jaguaripe, o histórico emerge a partir dos elementos nelas constituídos e se ligam às águas que circulam na região. O rio Jaguaripe, aqui chamado de rio da Onça pela etimologia da palavra tupi-guarani *iaguatype* (no rio das onças), é um dos grandes protagonistas na formulação das festas e nas memórias que ele testemunha ao encontro com os foliões. É possível delinear a participação do rio como entidade mnemônica nas festas de Nossa Senhora dos Navegantes e da Festa de São Gaspaião (ou Gaspi) ao dar uma perspectiva própria mais manifesta, reduzindo, retirando os nossos preconceitos e visões acerca dos elementos, enxergando toda a pureza e heterogeneidade que pode existir, retornando, “a cada vez, ao interior do ponto de vista que eles exprimem”. (LAPOUJADE, 2017, p. 48)

Trata-se [...] de partir de uma espécie de material meio físico, meio mental que recarrega a pintura de potencialidades. Ora, o que distingue o material de uma simples matéria é que ele é animado de forças, de dinamismos internos que fazem dele uma realidade viva, quase física. [...] O material é a matéria que se torna espírito. (LAPOUJADE, 2017, p. 52-53)

Na Romaria e Regata de Nossa Senhora dos Navegantes, no meio do mês de Janeiro, saveiros e canoas só saem a partir da disponibilidade do próprio rio. Desobedecendo qualquer questão de temporalidade atrelada ao tempo ocidental, extremamente calculado, colonizado e alinhado à funcionalidade do sistema, a maré só flui por meio do seu próprio movimento de incorporação que determina a permissão para o deslocamento dos foliões de Jaguaripe - assim, se assemelha a Exu (entidade), delineado por Sodré (2017) em seu aforismo nagô “Exu matou um pássaro ontem com a pedra que atirou hoje”.

É constante o enunciamento de frases como “a Romaria só vai sair quando a maré encher” ou “quando a maré deixar” para indicar o início da trajetória da imagem da santa juntamente com a população. O rio da onça, ao ser tocado e conduzir os saveiros e canoas na Romaria de Nossa Senhora dos Navegantes até Cacha Pregos, em Vera Cruz (BA), resplandece a partir das ondas formadas. Elas, cada uma, se colocam enquanto linhas dos caminhos tortuosos que cada habitante carrega desde as suas referências passadas (mesmo não conscientes) até os traumas e crenças cotidianas. As ondas parecem terminar após a chegada dos veículos marítimos carregados de histórias e de extrema fé e felicidade no cais de Cacha Pregos, mas na realidade, continuam a se desenrolar, fincando os sussurros, pedidos, alegrias, dores e interações em suas partículas.

Como um fenômeno relacionado a natureza da arte e colocado aqui também dentro da perspectiva comunicativa, essas imagens (indicadas na Figura 4) se mostram como uma sequência de linhas profundas e abstrusas de pontos de vista diversos acionando um número de histórias ou de lembranças em torno do espaço de festa, em constante mudança, feitas pelo movimento marítimo de seres que aparecem e se dissolvem.



Figura 4: linhas nas águas feitas através do movimento dos barcos e corrida de canoas. Material adicional de Na Pele do Jaguar (Dir.: Cícero Bernar, 2019).

Então, a formação de sua existência é ser sempre inacabada, ou seja, existe uma possibilidade de se realizar essa existência a partir da arte - de alguém que advogue em razão dela⁵. “Entidades” como o rio da Onça e seus aspectos mínimos passam a existir com suas potencialidades somente através do que Souriau (2020) chama de posse. Porém, o termo não está de acordo com a etimologia da palavra, de apropriar-se de alguma coisa, mas sim de possuir a si mesmo e fazer sua existência de maneira exclusiva. Devido a possibilidade de incompletude (ou inconsistência) desses seres, eles se corporificam e tornam-se uma “obra acabada” a partir de um outro (um criador) que lhe conceda o caminho para um novo modo de existência.

As canções entoadas pelos instrumentos da Filarmônica Lira Jaguaripense, tradicionais nas festividades religiosas da cidade, se incorporam ao fundo da maré. Na chegada à Cacha Pregos, o rio presencia as comunicações entre os moradores dos dois locais e também entre as duas imagens: Nossa Senhora dos Navegantes (Jaguaripe) e Santo Amaro (Itaparica). As duas se ligam através dos cais das cidades. Em Jaguaripe, o cais é chamado de “ponte” e também recebe os moradores de Cacha Pregos na volta da Romaria. Quase como uma saudade de pedra, os pés tocam na base que se sustenta através do rio, os rostos se enxergam por meio do espelho aquático e as lembranças emergem, dando outra forma de existência a esses seres virtuais, dando corpo aos fantasmas, “enfim, de permitir que um ser exista em outro mundo que não é o dele. Ou seja, é preciso que a nuvem se torne cosmos”. (LAPOUJADE, 2017, p. 72)



Figura 5: Filarmônica entoando canções no saveiro e jaguaripenses no cais acompanhando a saída da santa. Material adicional de Na Pele do Jaguar (Dir.: Cícero Bernar, 2019).

Outra manifestação da cidade também liga-se à maré e à festa anterior, o Gaspi ou São Gaspaião. Finalizando a Festa de Janeiro, dando uma prévia aos foliões do que

⁵ Lapoujade (2017) discorre que um ser virtual, como as linhas formadas pelo movimento dos saveiros no rio da onça, só tomam posse de si mesmo “[...] se encontrar um mediador ou um intercessor que o torne autônomo. É uma espécie de parasitismo ou de relação simbiótica. O virtual precisa de um hospedeiro para existir. Inversamente, um criador é sempre apenas o hospedeiro das suas virtualidades”. (LAPOUJADE, 2017, p. 74)

acontecerá no carnaval, o Gaspi é quase como um bloco carnavalesco tradicional, mas tendo como base uma lenda histórica jaguaripense que, comprovada ou não, ajudou a instituir o fervor pelas ruas da cidade. Segundo a lenda, na Romaria e travessia até Cacha Pregos, um homem negro chamado Gaspar pretendia embarcar nas canoas para acompanhar a festividade, entretanto perdeu o horário certo de partida.



Figura 6: foliões interagindo na festa de São Gaspaião e foco no barco do santo não-canônico. Fotos: Cícero Bernar.

Ficando em terra, Gaspar resolveu fazer uma grande alegria com os que também ficaram em Jaguaripe: colocou uma miniatura de saveiro em sua cabeça e saiu cantando e dançando com as outras pessoas que o acompanharam, dando início a tradição. Atualmente, todo ano uma pessoa sai com uma outra miniatura de saveiro, mas com um boneco em homenagem ao personagem, juntamente com a filarmônica jaguaripense e os “fiéis” ao santo não-canônico jogam talco e água entre eles.

Assim como Lapoujade (2017) cita a “dança macabra das lembranças”, de Henri Bergson (2004), onde existe uma espécie de vampirismo das lembranças em que elas planam como uma nuvem de almas sobre corpos vivos, onde são “atraídas por um corpo que se assemelhe a elas e responda às suas aspirações; elas inclinam-se então para ele, deixam-se cair e passam para a existência” (LAPOUJADE, 2017, p. 74), da mesma forma podemos buscar a visualizar a situação do rio dentro do contexto de Jaguaripe.

Agora, são as formas mais vagas que se desenham a meus ouvidos, é um toque mais indistinto que está espalhado pela superfície de meu corpo; mas são também as sensações mais numerosas que me vêm do interior de meus órgãos. Entre as *lembranças-fantasmas* que aspiram a se carregar de cor, de sonoridade, enfim, de materialidade, só serão bem sucedidas aquelas que puderem assimilar-se à poeira colorida que percebo, aos barulhos de fora e de dentro que ouço, etc., e que, além do mais, se harmonizarem com o estado afetivo geral que minhas impressões orgânicas compõem. (BERGSON, 2004, p. 101, grifo nosso)

Aqui, as águas se inserem enquanto um espelho maleável, corrente, contínuo e encorpado que, ao se deparar com os jaguaripenses, aciona os sentidos da audição, ao ouvir o barulho das ondas e lembrar das músicas tradicionais da filarmônica na festividade e dos risos e gritos das pessoas; o olfato, em quase que se sentir preenchido pelo cheiro do talco de bebê; o tato, ao tocar na água salgada do rio e vivenciar o frio da água jogada; permitindo a ultrapassagem das *lembranças-fantasmas* enquanto reflexo das experiências históricas dos indivíduos e alimenta a lenda de São Gaspaião enquanto carne, sangue e alma, se reescrevendo na realidade e modificando-se ao longo da passagem de conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da possibilidade de contar histórias que foram “esquecidas” ou invisibilizadas ao longo dos tempos por meio do argumento decolonial, se baseando em aspectos construídos por indivíduos historicamente marginalizados, e tendo como norte os diferentes modos de existência que podem ser impulsionados à visão, foi feita a constituição da entidade do Rio da Onça (Rio Jaguaripe) e como suas características, tanto da realidade exterior como da sua própria interna, permeiam as manifestações populares da cidade de Jaguaripe - desde as suas concepções até o porquê de serem lembradas.

Novas opções de comunicação, de fazer arte e conhecimento, permitem uma abertura para questões heterogêneas e experimentais dentro de cenários, fenômenos, locais e seres que, em uma primeira visão, seriam observados a partir do “básico”. Por meio dessas novas estruturas se juntam o empírico, o popular, o místico, a morte e a dor de povos controlados devido a uma suposta justiça determinada por um histórico colonizador e impositivo em um único movimento que navega por diversos afluentes heterogêneos: encontrar a essência e a existência possível.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, P. O. *Recôncavo: território, urbanização e arquitetura*. In: CAROSO, C., TAVARES, F., and PEREIRA, C. (org.) **Baía de todos os santos: aspectos humanos** [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 204-255.

BARBOSA, M. **Percursos do Olhar: comunicação, narrativa e memória**. Niterói: EdUFF, 2007.

BAKHTIN, M. *Apresentação do problema*. In: **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC, 1987. p. 5-8.

BERGSON, H. *O sonho*. **Trans/Form/Ação**: Revista de Filosofia, São Paulo, v. 27, n. 1, 2004. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/871>>.

CARDOSO, J. **Ecos da Liberdade: a Santidade de Jaguaripe entre os alcances e limites da colonização cristã (1580-1595)**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 203. 2015.

CASTELLUCCI JÚNIOR, W. *Entre Veredas e Arrabaldes: Histórias de escravos e forros na Comarca de Nazaré. Bahia, 1830-1850*. **História & Perspectivas**, Uberlândia, v. 01, n. 39, p. 261-304, jul./dez., 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/19196>>.

LAPOUJADE, D. **As existências mínimas**. 1ª ed. São Paulo: n-1 edições, 2017.

MIGNOLO, W. D. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, n. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: <http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf>.

MOURA, M. *O oriente é aqui: o cortejo de referências fantásticas de outros mundos no Carnaval de Salvador*. In: MOURA, M. (org). **A larga barra da baía**: essa província no contexto do mundo [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 86-130.

NA PELE do jaguar. Direção: Cícero Bernar. Produção: Vinny Nepomuceno. Cachoeira: UFRB, 2019. 25 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jcJ34KD0xA0>>.

SODRÉ, M. *Exu inventa o seu tempo*. In: **Pensar Nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 194-217.

SOURIAU, É. **Diferentes modos de existência**. 1ª ed. São Paulo: n-1 edições, 2020.